

O PAPEL EDUCATIVO DO ENFERMEIRO: PERCEPÇÃO DE AUXILIARES DE ENFERMAGEM DE UM HOSPITAL GERAL DO NORTE DO PARANÁ.

MARIA MADALENA FERRARI CRIVARI
TELMA GONÇALVES CARNEIRO S. ANDRADE.

RESUMO

Com o objetivo de verificar a percepção dos auxiliares de enfermagem quanto ao papel educativo do enfermeiro, realizamos um estudo descritivo junto a cinquenta e sete auxiliares de enfermagem. Segundo a análise dos resultados, pudemos verificar que o papel educativo do enfermeiro é considerado importante, porém os auxiliares de enfermagem revelaram que apenas esporadicamente é desenvolvido. Reconhecem a importância de seu aprimoramento, contudo os princípios da educação continuada não são mencionados em suas considerações, e, entre outros aspectos apresentados, refletem também, a necessidade de serem mais valorizados.

ABSTRACT

With the objective of verifying the perception of nurses concerning their role as educators, this descriptive study was carried out having 57 nurses as subjects. The results made evident that this role is unfolded sporadically. We observed that the principles of continued education are not part of the subjects, considerations, and, among other aspects presented, the need of being more valued.

UNITERMOS: Papéis do Enfermeiro, Papel Educativo do Enfermeiro, Educação em Enfermagem

INTRODUÇÃO

Para iniciarmos uma abordagem sobre o papel educativo do enfermeiro, consideremos como precípua destacar algumas características do homem nos dias atuais.

Percebemos que os seres humanos, no seu processo evolutivo, tendem à massificação, principalmente àqueles inseridos em sociedades marcadas pelo mecanicismo.

Nesse contexto as pessoas são inseridas num sistema imposto que ao invés de educar, promove a transmissão de conceitos e leis inquestionáveis e intransigíveis.

Para FREIRE (1970) esse modelo de educação serve à dominação. É "bancá-

rio" e se contradiz ao diálogo, sendo apenas narrativa o que impede a maturidade dos indivíduos.

Esse mesmo autor destaca que "ninguém educa ninguém, ninguém educa a si mesmo, os homens se educam entre si, mediatizados pelo mundo".

No seu entender, a educação deve ser problematizadora, dialógica, pois fundamenta-se na criatividade e estimula a reflexão e ação dos homens sobre a realidade. Caracteriza-se pela busca e pela transformação criadora tendo sempre por base a historicidade dos homens.

Torna-se fundamental refletir sobre tais aspectos, pois dentre os diversos papéis desenvolvidos pelo enfermeiro destacamos o papel educativo de crucial valor tanto no dia-a-dia junto à equipe de saúde, e mais especificamente à equipe de enfermagem, como também em relação aos pacientes, família e comunidade.

Portanto, compreendemos que o estudo da educação na enfermagem é essencial, e por que não dizer, o cerne para o desenvolvimento da assistência à saúde com qualidade e de forma dinâmica.

Assim propusemo-nos a analisar uma faceta do papel educativo do enfermeiro, ou seja, sua função educativa junto à equipe de enfermagem, procurando responder a algumas questões relativas à prática por nós vivenciada, a fim de contribuir com a retroalimentação de nossa realidade.

Durante a pesquisa verificamos que o docente de enfermagem é o mais apontado como educador, limitando o enfermeiro assistencial da área hospitalar, da saúde pública ou do trabalho apenas à educação informal da clientela e comunidade.

Além do mais, notamos que nas abordagens sobre o desenvolvimento do papel educativo do enfermeiro que vem, na maioria das vezes, apresentada como educação informal, restringe-se apenas a emissão de orientações/informações sobre algum aspecto pertinente à área de atuação do profissional.

Sabemos que educação é muito mais que apenas orientar. Limitar-se à emissão de conhecimentos e informações seria enfatizar apenas um prisma de um modelo educacional domesticável e, segundo FREIRE (1970), "bancário", de aceitação e não de reflexão e transformação.

Somando-se a isso, percebemos que a educação continuada tem sido gradualmente mais valorizada nos últimos anos (RIBEIRO, 1986) Mas a ênfase é dada ao treinamento formal, em sala de aula, sobre os conteúdos técnico-científicos e deveres do pessoal que atua na enfermagem.

Segundo BARROSO & VARELA (1979) em abordagem sobre a educação continuada como requisito básico para o crescimento profissional, não se pode pensar exclusivamente em capacitação para uma tarefa determinada, no ensino para utilização de conhecimentos, em função somente do crescimento organizacional. Essas autoras justificam: " Isso porque o homem não é máquina e suas emoções se chocam com as situações do dia-a-dia, gerando rejeições, resistências, bloqueios na comunicação e, conseqüentemente problemas para a administração, problemas de ajustamento ao grupo, parada do crescimento e em última instância, um perfil negativo daquele indivíduo como profissional."

Entendemos como de crucial valor o desenvolvimento de um processo educativo contínuo, dinâmico, sistemático, envolvendo o trabalhador durante o efetuar de suas atividades, valorizando suas experiências, sua história, seus sentimentos, seus conhecimentos e avaliando esse processo educativo de forma também sistemática, para o aproveitamento do mesmo.

Outro aspecto a ser relevado, é que o nosso trabalho é desenvolvido junto a adultos, refletindo portanto a necessidade de implantar a educação de adulto, com estratégias próprias, relevando o indivíduo como um ser histórico, com experiências que devem ser valorizadas e conhecimentos que devem ser enaltecidos e trabalhados.

Em contrapartida, defrontamo-nos com profissionais enfermeiros não motivados para o crescimento contínuo, encontrando-se em um estágio de maturidade não correspondente à fase adulta.

Desse modo, como poderá o enfermeiro desenvolver a educação de adultos, se no seu perfil pessoal e profissional faltam-lhe experiências, vivências fundamentais para o desenvolvimento do processo educacional em uma fase de maior maturidade?

Compreendemos que educação de adultos deve ter início já na preparação do profissional, a saber, no ensino de graduação, quando os alunos serão incentivados a enfatizar a auto-educação, contínua e permanente, não como atividade que se encerra por ocasião de uma formatura (MANZOLLI, 1983).

Ainda assim ressaltamos que, embora o enfermeiro possa estar em contínuo crescimento, desenvolvendo-se como adulto, portanto, em condições de educar adulto, de nada valeria se esse profissional relegasse em seu perfil a comunicação, essência para a concretização da interação entre os componentes da equipe de enfermagem.

Com base nessas considerações supra mencionadas, aliados a nossa experiência como enfermeiras envolvidas na educação dos componentes da equipe de enfermagem, propusemo-nos à realização deste estudo, visando a retroalimentação de nossos serviços, procurando discutir de forma crítica a função do enfermeiro como educador, junto à equipe de enfermagem.

Assim, formulamos os seguintes objetivos para a concretização deste estudo:

- investigar se os auxiliares de enfermagem consideram importante o papel educativo do enfermeiro;
- observar se os participantes da pesquisa evidenciam o desenvolvimento desse papel educativo pelos enfermeiros do dia-a-dia da enfermagem;
- verificar a percepção dos auxiliares de enfermagem sobre o papel educativo do enfermeiro junto à equipe de enfermagem;
- levantar aspectos que possam suprir a carência dos enfermeiros no desenvolvimento do seu papel educativo junto à equipe de enfermagem.

ABORDAGEM SOBRE EDUCAÇÃO.

Nem em Aristóteles, nem em Platão, nem no Pedagogo de Alexandria, nem no De Magistro de Tomás de Aquino, nem nas obras de Comênius ou de Rousseau existe uma definição sintética e explícita do conceito de educação (TOBIAS, 1986).

No entanto nos tempos modernos, Durkheim (apud TOBIAS, 1986) define a educação como sendo " a ação exercida pelas gerações adultas, sobre as gerações que não se encontram ainda preparadas para a vida social. Tem por objetivo suscitar e desenvolver, na criança, certo número de estados físicos, intelectuais e morais, reclamando pela sociedade política, no seu conjunto, e pelo meio especial a que a criança, particularmente se destine".

Para PILETTI (1985) a idéia de educação de cada povo depende da sua realidade concreta e de seus valores, ou seja, não leva em consideração a sociedade e o país onde será desenvolvida.

Podemos citar literalmente as palavras de BRANDÃO (1985): "Não há forma única nem um único modelo de educação; a escola não é o único lugar onde ela acontece e talvez nem seja o melhor; o ensino escolar não é a sua única prática e o professor profissional não é o seu único praticante."

FERREIRA (1988) apresenta seis faces da educação: educação é o ato ou efeito de ensinar; é o processo de desenvolvimento da capacidade física, intelectual e moral da criança e do ser humano em geral, visando a sua melhor integração individual e social; são os conhecimentos ou aptidões resultantes de tal processo; o cabedal científico e os métodos empregados na obtenção de tais resultados; o nível ou tipo de ensino; o aperfeiçoamento integral de todas as faculdades humanas.

Segundo ALVES (1985) ao tentarmos estratificar a educação de espaço puramente intelectual, acadêmico e distante da vida concreta, a percebemos como um processo permanente do indivíduo.

O homem está continuamente em processo educativo, na tentativa de adaptar-se às necessidades que surgem e em busca de realizar-se mais como pessoa, por descobrir-se como ser inacabado.

SILVA et al (1989), em seu livro sobre estratégias relacionadas à educação continuada do pessoal de enfermagem, apresenta os principais elementos de quatro teorias educacionais: Teoria Tradicional, onde o professor transmite os conhecimentos; a Teoria Nova, onde o professor é o coordenador e o facilitador, sendo o aluno o centro do processo; a Teoria Tecnicista onde o professor é visto como um programador, um técnico e o ensino não tem individualidade; a Teoria Crítica onde o professor é visto como educador. A relação professor-aluno é pessoal, socializada, visando o crescimento de ambos.

Entendemos que dentre as quatro teorias citadas, a "Crítica" está mais em sintonia com a nossa concepção de educação.

Não poderíamos deixar de salientar a importância da pedagogia na educação, visto que ela é definida como "conjunto de conhecimentos sistemáticos relativos ao fenômeno educativo". (PILETTI, 1985).

A palavra pedagogia vem do grego (pais, paidós = criança; agein = conduzir; logos = tratado, ciência). Na antiga Grécia eram chamados de pedagogos os escravos que acompanhavam crianças que iam para a escola. Hoje o pedagogo é o especialista em assuntos educacionais.

Paralelamente à pedagogia, surge a andragogia, que pode ser definida sucin-

tamente como "educação de adultos".

É preciso compreender que no desenvolvimento da educação voltada para adultos, precisamos levar em consideração a sua história, e com esta a sua realidade cultural, seus propósitos, seus conhecimentos. Somente considerando tais aspectos será possível propiciar o crescimento das pessoas, tendo em vista que esse processo educacional é absolutamente dinâmico. Assim, o auxiliar de enfermagem visto como adulto deve participar de seu processo educacional a ponto de se sentir motivado a dar continuidade ao seu amadurecimento: tornando-se um ser dinâmico, autocrítico.

Para Nidelcoff, referido por ANDRADE (1983), "educação é um processo permanente do qual a educação do adulto é um capítulo que se caracteriza pelo empenho do homem, na busca de um auto-aperfeiçoamento contínuo no aproveitamento do potencial humano e das potencialidades que conduzem a esse auto-aperfeiçoamento, do auto-controle, de auto-gestão de sua vida pessoal, dentro de um contexto sócio-cultural e histórico, do qual é elemento participante".

Segundo WITTER (1983), a fase adulta da vida compreende o segmento mais longo da existência humana, sendo também o mais rico, diversificado e produtivo da vida humana.

O que acontece na verdade é que os indivíduos nesse período são relegados ou recebem o tratamento educacional de domínio, constituindo-se em meros expectantes de conteúdos prontos, determinados e unidirecionados.

Como poderá, nessas condições, haver evolução? Como se desenvolver a consciência crítica? Como ocorrerá o desenvolvimento e o progresso?

Cabe a nós enfermeiros, refletirmos sobre tais aspectos, já que pretendemos uma enfermagem mais forte, marcada pelo dinamismo, pela competência técnica e científica, na busca do reconhecimento social e político de nossa profissão.

A função educativa do enfermeiro foi destacada por diversos autores (GUILMARÃES, 1976; CASTRO, 1982; RUFFINO ET AL, 1985; SIQUEIRA & CASA-GRANDE, 1985; VELASQUES, 1986). O próprio Código de Deontologia de Enfermagem destaca no capítulo primeiro as responsabilidades fundamentais: "O enfermeiro atualiza e amplia seus conhecimentos técnicos, científicos e culturais em benefício do cliente e do desenvolvimento da profissão" (artigo sexto); "O enfermeiro é responsável pelo aperfeiçoamento técnico e cultural do pessoal sob sua orientação e supervisão (artigo sétimo).

O papel educativo do enfermeiro está intimamente ligado à educação de adultos, visto que é com pessoas na idade adulta que o enfermeiro trabalha, na maioria das vezes, no que se refere à equipe de enfermagem.

A nossa preocupação enquanto enfermeiros é promover a transformação da prática basicamente espírita, não interativa e bastante automatizada.

Para RUFFINO (1985), a educação continuada é caracterizada por mecanismos de educação não formal, dentro de uma psicopedagogia própria, aberta às influências do contexto sócio-político do momento histórico em que se situa. Essa modalidade institucional torna-se cada vez mais um requisito importante para o crescimento profissional do enfermeiro.

Entretanto, gostaríamos de enfatizar que na nossa concepção, a Educação Continuada não poderá ser somente informal, ela é muito mais abrangente e deve ser também sistematizada mesmo que seja desenvolvida no dia-a-dia, sem perder sua característica dinâmica e estimulando sempre o adulto a desenvolver uma consciência crítica de sua pessoa e de sua realidade.

"O domínio de uma profissão não exclui o seu aperfeiçoamento. Pelo contrário será mestre quem continuar aprendendo". FURTER (1884).

MATERIAL E MÉTODO.

A presente investigação descritiva foi desenvolvida junto a auxiliares de enfermagem de um Hospital Geral do Norte do Paraná, no período de 04 a 29 de junho de 1990.

Para a seleção da amostra foram estabelecidos os seguintes critérios como descreve o fluxograma I.

Para a coleta de dados utilizamos um instrumento contendo duas partes. A primeira parte foi destinada ao registro de dados de identificação dos auxiliares de enfermagem, fundamentais para a pesquisa. Para o questionário propriamente dito, reservou-se a segunda parte, composta por treze questões, dentre as quais, duas abertas (questões um e treze) e onze fechadas (questões dois a doze). Desses itens considerados fechados, três permitiram a emissão de justificativas por parte dos auxiliares de enfermagem (questões dois, onze e doze). (anexo I)

FLUXOGRAMA I - SELEÇÃO DE AMOSTRA

POPULAÇÃO DE ESTUDO

Auxiliares de enfermagem que atuam no hospital em estudo - 98

Critério de seleção da amostra

CRITÉRIOS DE INCLUSÃO

Indivíduos de ambos os sexos
- Auxiliares de enfermagem com, no mínimo, um ano de experiência na Instituição

Incluídos 57 Participantes do estudo

CRITÉRIOS DE EXCLUSÃO

- Menos de um ano de auxiliar de enfermagem (20)
- Férias ou licença (12)
- Negaram a participação (9)

Excluídos 41 não participantes do estudo

RESULTADOS E DISCUSSÕES

TABELA 1 - Distribuição dos auxiliares de enfermagem segundo sexo e faixa etária.

GRUPO ETÁRIO (EM ANOS)	SEXO				TOTAL		
	Feminino		Masculino				
	Nº	%	Nº	%	Nº	%	
20	30	20	35,0	5	9,7	25	43,8
30	40	16	28,0	2	3,5	18	31,5
40	50	12	21,0	2	3,5	14	24,5
	TOTAL	48	84,0	9	16,0	57	100,0

Podemos observar na Tabela 1 que a maior parte da amostra é constituída por indivíduos pertencentes ao grupo etário de vinte a trinta anos (43,8%). Os indivíduos na faixa etária de trinta a quarenta anos representam 31,5% do total da amostra, sendo que aqueles que estão na faixa de quarenta a cinquenta anos constituem a menor parte da amostra (24,5%).

Havighurst (apud Mello, 1981) classifica a idade adulta em três fases: idade adulta inicial, que vai dos dezoito aos trinta e cinco anos; idade adulta média ou maturidade, dos trinta e cinco aos sessenta e cinco anos e a idade adulta final, maturidade posterior ou velhice, compreendida a partir dos sessenta e cinco anos.

Ainda assim, Havighurst afirma que é na idade adulta inicial que os indivíduos se encontram com inúmeras tarefas que lhes preocupam, exigindo grande esforço para a aprendizagem e cita as seguintes atividades: casamento, primeira gestação, primeiro trabalho sério em tempo integral e outras, ressaltando que neste período as pessoas estão motivadas para aprender e aprendem rapidamente embora a sociedade não apresente esforço educativo para atendê-las nessa fase.

Na idade adulta média ou maturidade, as mudanças biológicas como as do envelhecimento começam a se acentuar. Normalmente nesta faixa etária os pais têm seus filhos em plena adolescência, e estas pessoas, pais e filhos precisam aprender a viver umas com as outras e a desenvolver papéis diferentes.

Na idade adulta final, maturidade posterior ou velhice, dá-se o declínio de capacidades físicas e mentais que quase sempre se manifestam vagarosamente. Para que as pessoas se comuniquem melhor, geralmente precisam de instrumentos: lentes, aparelho acústico, mas, verifica-se claramente a possibilidade de continuarem aprendendo, pois nesta faixa etária elas ainda têm oportunidades de se defrontarem com novas situações, tais como as decorrentes da aposentadoria.

Neste trabalho, os participantes do estudo são adultos na idade inicial e na idade adulta média ou maturidade, segundo a classificação de Havighurst, como já vimos nas citações supracitadas.

Portanto, cabe a nós compreendermos que o trabalho do enfermeiro no hospital

estudado tem sido basicamente com adultos que em sua fase inicial estão motivados a aprender e que na sua maturidade trazem consigo experiências, todavia podem tender ao comodismo.

Dessa forma ressaltamos a importância de enfatizar que o enfermeiro no seu dia-a-dia tem vivenciado com adultos, e em muitas vezes desenvolvem o seu papel educativo como se estivesse se relacionando com crianças, adolescentes ou jovens, deixando de se orientar pelos princípios da Andragogia-Educação de Adultos.

Em relação ao sexo, podemos verificar que a maioria dos participantes (84%) é do sexo feminino. Os homens constituem 16% da amostra.

Seguindo o mesmo raciocínio, sabemos que tanto os homens, quanto as mulheres, têm papéis a serem desenvolvidos na sociedade, entretanto, é a mulher que sempre se encontra mais acumulada de responsabilidades e preocupações, devido aos diferentes papéis que lhe são atribuídos.

Tal evidência denota a necessidade de maior atenção por parte dos enfermeiros, procurando sempre desenvolver o processo educativo sem perder de vista que os indivíduos, antes de serem auxiliares de enfermagem, são seres humanos, do sexo masculino ou feminino, na idade adulta que pode ser inicial ou média ou, mais raramente, até adulta final.

TABELA 2 - Distribuição das respostas obtidas em relação à pergunta: " O que você entende por papel educativo do enfermeiro?"

RESPOSTAS	Nº	%
Orientar o paciente, família, comunidade e equipe	20	35,0
Transmitir conhecimentos e atualizar a equipe de enfermagem	14	24,5
Sanar Dúvidas	10	17,5
Fazer os procedimentos junto com a equipe e ensinar	8	14,0
Ensinar	6	10,5
Bom relacionamento no trabalho	4	7,0
Educar a equipe de enfermagem, instruir, informar	4	7,0
Ter diálogo, comunicação	4	7,0
Educar a comunidade	2	3,5
Educar o paciente	2	3,5
Motivar, incentivar	2	3,5
Corrigir falhas	1	1,7
Estar sempre presente	1	1,7
Não conseguiram definir	3	5,2

Mediante os resultados podemos perceber que nenhum participante do estudo definiu o papel educativo do enfermeiro em toda a sua amplitude, nem mencionaram a influência que o enfermeiro pode desenvolver sobre a educação em áreas que atuam em saúde, através de sua competência técnica e científica e principalmente através da filosofia que permeia suas ações.

TABELA 3 - Distribuição das respostas dos Auxiliares de Enfermagem em relação à pergunta: "Você considera importante o papel educativo do enfermeiro?"

RESPOSTAS	Nº	%
SIM	56	98,2
NÃO	01	1,7
TOTAL	57	100,0

Como mostra a tabela 3, 98,7% dos Auxiliares de Enfermagem consideraram importante o papel educativo do enfermeiro, ou seja dos cinquenta e sete sujeitos entrevistados, apenas um não considera importante esse papel.

Do total de participantes do estudo, cinco (8,8%) não justificaram suas respostas em relação ao papel educativo do enfermeiro. Dentre aqueles que emitiram justificativa, percebemos que a maior parte (77%) considera o enfermeiro como sendo aquele que domina o saber e, portanto, deve transmitir conhecimentos para o seu crescimento. Esses não questionaram esse papel educativo unidirecional.

Apenas dois participantes (3,5%) fizeram justificativas valorizando o paciente, ou seja, vendo-o como maior beneficiado no desenvolvimento do processo educativo para a melhoria da qualidade de assistência.

Outros seis auxiliares de enfermagem (10,5%) ressaltaram ser importante o papel educativo, contudo enfatizaram a necessidade do enfermeiro estar inserido no processo e não entender-se como "senhor" da situação. Eles destacaram a premência de partilharem conhecimentos e experiências, o que seria muito mais motivador e permitiria maior união da equipe de enfermagem.

Entendemos que a quase inexistência de questionamentos por parte dos auxiliares de enfermagem sobre a importância do papel educativo do enfermeiro, um papel por eles entendido como dominante, reflete a perpetuação de uma educação passiva de aceitação, e não participativa, de questionamentos e transformação.

TABELA 4 - Respostas dos Auxiliares de Enfermagem em relação ao papel educativo do enfermeiro em seus aspectos de comunicação e interação.

PERGUNTAS	RESPOSTAS					
	SEMPRE		ÀS VEZES		NUNCA	
	Nº	%	Nº	%	Nº	%
"Na sua opinião, o enfermeiro tem desenvolvido o seu papel educativo?"	15	26,3	39	68,4	03	5,2
Quando você tem dúvidas em relação a algum procedimento e situação diferente, o enfermeiro o tem orientado?"	35	61,4	22	38,5	---	---
"O enfermeiro se prontifica a acompanhá-lo para desenvolver juntos novos procedimentos e/ou resolver problemas frente á situações diferentes?"	32	56,1	20	35,0	0,5	8,7
"Durante o trabalho você é convidado pelo enfermeiro para sentar um pouco e discutir sobre algum assunto importante pertinente à sua área de atuação?"	05	8,7	23	40,3	29	50,8
O enfermeiro em sua atuação é um modelo para você, no que se refere à competência técnica e científica?"	12	21,0	41	71,9	04	7,0
"Você considera o enfermeiro uma fonte de estímulo para sua atuação e crescimento como auxiliar de enfermagem?"	17	29,8	35	61,4	05	8,7
"O enfermeiro ao prestar-lhe orientações utiliza diferentes técnicas de comunicação?"	09	15,7	37	64,9	11	19,2

Em relação à tabela 4 observamos que, dos cinquenta e sete sujeitos entrevistados, quinze (26,3%) responderam que o enfermeiro sempre desenvolve esse papel, trinta e nove (68,4%) mencionaram que às vezes é desenvolvido e apenas três sujeitos (5,2%) disseram que o enfermeiro nunca desenvolve o seu papel educativo.

Assim, vemos que a maioria reconhece que o enfermeiro não tem desenvolvido o seu papel educativo de forma sistematizada no desenvolvimento de suas ações, e sim de forma esporádica.

Tal aspecto vem ao encontro das nossas expectativas que se originaram em nossa vivência no cotidiano da enfermagem e denota a necessidade de se incorporarem na prática do enfermeiro atitudes e práticas educativas sistemáticas e condizentes com a realidade.

A competência técnica e científica, as atitudes éticas, a interação, somente serão desenvolvidas pelo pessoal de enfermagem se de fato houver educação.

Na verdade, não podemos relegar nesta discussão as questões supra e infra estruturais relacionadas à prática de enfermagem, ou seja, o enfermeiro por si só poderá não obter êxito em se tratando de desenvolver o processo educativo, se a instituição e a própria direção do serviço de enfermagem relegarem tal aspecto a segundo plano.

É primordial o estabelecimento de uma filosofia de trabalho que vise ao desenvolvimento de seu pessoal, pois só assim haverá qualidade na assistência à saúde.

O que observamos é a exigência no cumprimento das tarefas sem avaliação dos resultados e sem considerar os aspectos humanos de quem realiza as ações.

Quando perguntamos se o enfermeiro tem orientado os auxiliares de enfermagem quanto às dúvidas e/ou situações diferentes, trinta e cinco sujeitos (61,4%) afirmaram que "sempre" são orientados e vinte e dois (38,5%) que "às vezes" recebem as orientações. Nenhum participante do estudo referiu não receber orientações.

Da mesma forma, notamos que segundo a maioria (56,1%), o enfermeiro se prontifica para acompanhá-los e desenvolver juntos novos procedimentos, sendo que apenas 35% referiu verificar tais atitudes "às vezes" e 8,7% nunca.

Será que não estamos diante de uma contradição?

Inferimos que não, pois como se observa na tabela 4 demos aos participantes do estudo várias opções para caracterizarem o papel educativo do enfermeiro.

Assim verificamos que, através da questão seguinte - "Durante o trabalho você é convidado pelo enfermeiro para sentar um pouco discutir sobre algum assunto importante?" os sujeitos tiveram oportunidade de emitir parecer sobre outro aspecto do papel educativo: a maior parte (50,8%) não considera que o enfermeiro tenha essa atitude, 40,3% consideram que tal característica é percebida "às vezes" e somente 8,7% referiram que essa atitude é inerente ao perfil do profissional enfermeiro.

Outras características levantadas através das questões sete, oito e nove do instrumento são mencionadas na mesma tabela e denotam que o maior contingente da amostra afirmou que somente "às vezes" o enfermeiro em sua atuação é um modelo no que se refere à competência técnica e científica (71,9%), uma fonte de estímulos para sua atuação e crescimento como auxiliar de enfermagem (61,4%) e que utiliza diferentes técnicas de comunicação ao prestar-lhe orientações (64,9%).

A nosso ver, ser modelo e fonte de estímulos são aspectos angulares para a eficácia e efetividade do processo educativo, bem como, o desenvolvimento da criatividade fundamental para o estabelecimento de uma boa comunicação que favorecerá, da mesma forma, esse processo.

Acreditamos que esse aspectos de modelo de competência técnica e científica, fonte de estímulo e criatividade, estão intimamente relacionados às características de

um líder.

É primordial que o enfermeiro seja um líder verdadeiro de sua equipe para que haja frutos de boa qualidade e crescimento dinâmico.

ANDRADE et al (1990) destacam as influências positivas que o enfermeiro, enquanto líder, desenvolve sobre o pessoal sob seus auspícios, o qual, com uma liderança efetiva, poderá indubitavelmente concretizar o processo educativo.

CONCLUSÕES

Os resultados permitem-nos as seguintes conclusões:

- Os auxiliares de enfermagem consideram importante o papel educativo do enfermeiro, no entanto destacam que apenas esporadicamente ele é desenvolvido;
- Na percepção dos participantes do estudo o enfermeiro quando solicitado emite orientações para o esclarecimento de dúvidas e se prontifica a desenvolver juntos novos procedimentos; porém, quando se trata de discutir assuntos pertinentes à área de atuação, não se dispõe isso;
- Eventualmente o enfermeiro é visto como modelo de competência técnica e científica e como fonte de estímulo.
- Os auxiliares de enfermagem reconhecem a importância do seu aprimoramento, contudo os princípios da educação não são explicitados em suas considerações;
- Dão ênfase aos aspectos interativos para o desenvolvimento do processo educativo, refletindo, também, a necessidade de serem mais valorizados.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ANDRADE, Maria Bernardete S. de. A formação universitária no contexto de educação de adultos. In: WITTER, G. P. & DÁLIA, E. C. P. **Educação de adultos - textos e pesquisas**. Rio de Janeiro: Achiamé, 1983.
- ANDRADE, Telma G. C. S. de et al. O enfermeiro e sua percepção sobre liderança em enfermagem. Simpósio Brasileiro de Comunicação em Enfermagem, 2, Ribeirão Preto. **Anais**, 1990.
- ALVES, Rubem, **Conversas com quem gosta de ensinar**. São Paulo: Cortez, 1985.
- BARROSO, Maria Graziela T. & VARELA, Zerlene Maria V. Educação continuada requisito básico para o crescimento profissional. In: Congresso Brasileiro de Enfermagem., 31, 1979, Fortaleza. **Anais**, p. 101=106.
- BRANDÃO, Carlos R. **O que é educação**. São Paulo: Brasiliense, 1985.
- CASTRO, Ieda B. e et al. Reflexões sobre a prática de enfermagem no Brasil e América Latina - implicações educacionais. **Revista Brasileira de Enfermagem**, 35: 1985, 191, 1982.
- CONSELHO FEDERAL DE ENFERMAGEM. **Código de DEontologia de enfermagem**. Brasília, 1975.

- FERREIRA, Aurélio B. H. **Novo Dicionário da Língua Portuguesa**. Ed. Nova Fronteira, Rio de Janeiro, 1975.
- FREIRE, Paulo. **Educação como prática da liberdade**. 18. ed., Rio de Janeiro; Paz e Terra, 1987.
- _____ . **Pedagogia do oprimido**. 17. ed., Rio de Janeiro; Paz e Terra, 1970.
- GUIMARÃES, Celina M. et al. **Enfermagem - Ensino e Serviço**. **Enfermagem Novas Dimensões**, 2(3): 142-144. Jun/Ago. 1976.
- MANZOLLI, Maria C. **Relacionamento em Enfermagem - aspectos psicológicos**. São Paulo : Sarvier, 1983.
- MELLO, S.P.S. **Tarefas de desenvolvimento do adulto e suas perspectivas no tempo**. Pernambuco, 1981. (Dissertação de Mestrado - UFPb).
- PILETTI, Claudino. **Didática geral**. 3. ed. São Paulo: Ática, 1985.
- RIBEIRO, Circe de M. **Educação continuada**. **Revista Brasileira de Enfermagem**, 39(1): 79-81, jan./mar., 1985.
- RUFFINO, Márcia e. et al. **Retrospectiva das publicações de pesquisas realizadas sobre educação em enfermagem - 1947-198**. **Revista Brasileira de Enfermagem**. Brasília, 38(3/4): 245-256, jul./dez., 1985.
- SILVIA, Maria J.P. da et al. **Educação continuada - estratégia para o desenvolvimento do pessoal de enfermagem**. Rio de Janeiro : Marques Saraiva, 1989.
- SIQUEIRA, Marluce M. de & CASAGRANDE, Liste D. R. **Noções gerais sobre abordagem sistêmica à ação educativa do enfermeiro**. **Revista Brasileira de Enfermagem**. Brasília, 38(1): 63-69, jan./mar., 1985.
- TOBIAS, José A. **Filosofia da Educação**. Presidente Prudente: Editora da Unoeste, 1986.
- WITTER, Geraldina P. **A pesquisa educacional e o adulto**. In: WITTER, G.P. & DÁLIA, E.C.P. **Educação de adultos - textos e pesquisas**. Rio de Janeiro: Achiamé, 1983.